

Um corpo sobrecarregado por excesso de comida, seja qual for sua variedade, é sempre presidido por um cérebro abobalhado, e a natureza cansada necessita do repouso do sono.

Também há uma vasta diferença entre a comida nitrogenada, tal como a carne, e a comida não-nitrogenada, tal como as frutas e os vegetais de folhas verdes. Alguns tipos de carne, como a carne de boi, e de vegetais, como os feijões, têm sido sempre proibidos aos estudantes de ocultismo; não porque alguns destes alimentos seja mais ou menos sagrado que os outros, mas porque embora sejam talvez altamente nutritivos e fortalecedores do corpo, o seu magnetismo tem um feito desvitalizante e que impede as funções do “homem psíquico”.

[Traduzido de “Collected Writings”, H. P. Blavatsky, Theosophical Publishing House, Adyar, Índia, volume IV, 718 pp., ver pp. 296-297. Publicado inicialmente em “The Theosophist”, Adyar, January 1883. p. 88. Título original: “The Rationale of Fasts”.]

000000000000

Três Fragmentos Teosóficos Sobre Alimentação:

1. De um Raja-Iogue dos Himalaias, a um discípulo leigo ocidental que morava na Índia:

“Você usa demasiado açúcar em sua comida. Quanto a frutas, pão, chá, café e leite, use-os tão livremente quanto quiser, mas nada de chocolate, gorduras ou massas, e só muito pouco açúcar. A fermentação produzida pelo açúcar, especialmente neste seu clima é muito prejudicial.”

(“Cartas dos Mahatmas Para A. P. Sinnett”, edição em dois volumes, Ed. Teosófica, Brasília, 2001, Carta 72, volume I, p. 337)

2. De um Raja-Iogue dos Himalaias, a dois discípulos leigos ocidentais:

“E quanto mais açúcar refinado, maior a fermentação produzida no estômago e mais vermes.”

(“Cartas dos Mahatmas Para A. P. Sinnett”, Ed. Teosófica, volume II, p. 388.)

3. De H. P. Blavatsky:

“De todas as dietas, o vegetarianismo é certamente a mais saudável, tanto por razões fisiológicas quanto por razões espirituais, e os habitantes da Índia deveriam atender o enfático apelo feito recentemente (...) e organizar sociedades ‘vegetarianas’, ao invés de ajudar no assassinato de animais inocentes.”

(“Collected Writings”, H. P. Blavatsky, Theosophical Publishing House, Adyar, Índia, volume IV, 718 pp., ver p. 299. Publicado inicialmente em “The Theosophist”, Adyar, January 1883, p. 91.)

000000000

Para Renovar o Pensamento Esotérico

Há Loja Unida de Teosofistas no Brasil?

Um Estudante de Teosofia

Recebemos com alguma regularidade a seguinte pergunta:

“Já existe no Brasil um grupo organizado da Loja Unida de Teosofistas?”

A resposta pode surpreender alguns: por estranho que pareça, a Loja Unida de Teosofistas (LUT) não só não existe formalmente no Brasil até agora, como também não há “pressa” de organizá-la.

Um motivo para a ausência de pressa é que a LUT acredita em teosofia, mas não acredita em organizações centralizadas ou burocracia. Para a Sociedade de Adyar, por exemplo, as prioridades talvez sejam em parte a corporação, o ritual, os cargos e outros fatores do mesmo nível. Para a LUT – uma rede informal de estudantes de teosofia espalhados por cerca de 15 países – a prioridade é divulgar e estudar a teosofia real, livre de ilusões. Considera-se que o importante não é a LUT em si, mas a Teosofia que ela traz. O prioritário não é o dedo que aponta para a lua iluminada, mas a lua em si. Os primeiros associados da LUT no Brasil também consideram uma prioridade compreender e mostrar os equívocos do movimento teosófico, para que se possa identificar o joio e o trigo na filosofia esotérica e não se repitam desnecessariamente os velhos erros do passado.

Há, neste momento, alguns poucos associados da LUT no Brasil, e mais alguns simpatizantes. Espalhados pelo Brasil, estes pioneiros solidários fazem um trabalho preparatório. Três aspectos do primeiro plantio de sementes são: A) o e-grupo SerAtento; B) o boletim “O Teosofista”; e C) o website www.filosofiaesoterica.com. Este trabalho público começou há pouco mais de um ano, em fevereiro de 2007, e tem a LUT como fonte de inspiração mas não é parte dela. O efetivo surgimento de um grupo visível e “organizado” da LUT pode demorar qualquer coisa entre cinco e dez anos, podendo variar também para mais ou para menos. A premissa é a compreensão de que árvores centenárias crescem devagar nos primeiros anos de vida.

Sem dúvida, tem havido um certo número de pessoas que nos procuram para associar-se à LUT. A estas pessoas nós dizemos que, antes de associar-se à LUT, é importante que o estudante tenha uma compreensão coerente do que é teosofia. A LUT não cobra taxa alguma dos seus associados, nem tem como meta a obtenção de dinheiro ou de seguidores nominais. Portanto, ela não mede os resultados dos seus esforços do mesmo modo que alguns outros grupos, para os quais o dinheiro, o poder social visível, etc., podem ser em certos casos prioritários.

Deste modo, não há pressa de organizar formalmente a LUT no Brasil por dois motivos. Primeiro, porque há uma sintonia interior a ser obtida antes de tal formalização; e, segundo,

“De onde posso tirar forças para cumprir uma tarefa tão formidável? Não será arrogante da minha parte buscar uma meta tão bela e grandiosa? Que garantias tenho eu de êxito, se fizer tamanho sacrifício?”

A solução para estas três questões está em primeiro lugar na simplicidade. Em segundo lugar, na decisão de viver um dia após o outro. Em terceiro lugar, na disposição para testar e melhorar a cada instante o seu sistema referencial e o processo da aprendizagem.

O fato de optar pelo caminho mais correto abre a possibilidade de aprender constantemente com seus erros e seus acertos. A bênção surge da ligação entre a visão do sagrado e a realidade do cotidiano. O vínculo será inicialmente imperfeito, mas deve-se permitir que ele cresça com o tempo. Dois velhos ditados populares brasileiros dão ao estudante um grande marco referencial:

- 1) “A pressa é inimiga da perfeição”.
- 2) “Devagar se vai ao longe.”

Mas um terceiro ditado acrescenta:

“É fazendo que se aprende”.

Este é um ponto fundamental, e Robert Crosbie, o fundador da Loja Unida de Teosofistas, escreveu:

"Nós aprendemos através da experiência. A confiança dá coragem – ela é a coragem. Depois de algum tempo, nós percebemos que a Lei vai agir, apesar de qualquer sentimento que possamos ter. E nesse trabalho as coisas ocorrem de modo muito peculiar – que não pode ser avaliado pelo processo convencional. Pelo menos, essa tem sido a minha experiência." [1]

De fato, um tímido começo de prática constante na direção correta é suficiente para abrir caminho, vencer as dúvidas e fortalecer a auto-confiança.

NOTA:

[1] "A Pedagogia do Auto-Conhecimento", texto de Robert Crosbie no website www.filosofiaesoterica.com, seção "Robert Crosbie".

000000000000000000

Diálogos no E-Grupo SerAtento A Diferença Entre Desejo e Vontade

Pergunta:

A teosofia de Helena Blavatsky afirma que tanto o desejo como a vontade são absolutamente criadores. Eles dão forma ao próprio homem e ao meio ambiente em que ele deve viver. A diferença entre eles está em que a vontade cria de modo inteligente, enquanto o desejo cria de modo cego e inconsciente. Segundo a teosofia, o ser humano constrói a si mesmo e a seu destino futuro de modo inconsciente, em um processo impulsado por seus desejos – a menos que faça esta construção conscientemente, através da sua vontade, que é filha da luz superior. Estas são as idéias. Mas elas parecem um pouco complexas.

Comentário:

O desejo corresponde ao mundo infantil, assim como a vontade corresponde ao mundo adulto. A mesma distinção ocorre no mundo espiritual.

A alma infantil deseja ser salva, e então cai vítima das castas sacerdotais e dos “salvadores” que se acotovelam por todo lugar, disputando entre si o “mercado” de ingênuos. Mas a alma madura toma providências para que ocorra a sua auto-libertação, buscando o auto-conhecimento e praticando o plantio de bom carma a cada instante da vida.

A alma infantil busca alguém que se responsabilize por ela e por seu crescimento. Mas a alma madura assume sua responsabilidade diante de tudo o que lhe ocorre.

A alma madura existe como potencial no interior da alma infantil e pode despertar a qualquer momento. Na verdade, H. P. Blavatsky ensinou conforme uma Pedagogia – uma forma de contato com o conhecimento – que tem como meta estimular de modo direto o despertar da maturidade e da vontade nobre na alma do estudante.

00000000000000000000000000000000

Boa Vontade Mundial e Escola Arcana Uma Visão da Proposta de Alice Bailey

Estudante A:

Segundo alguns, os livros de Alice Bailey são plenamente teosóficos. Outros não pensam assim. Quais são, do seu ponto de vista, as diferenças e semelhanças entre a teosofia clássica e a proposta de ação dos seguidores de Alice Bailey?

Estudante B:

O modo como devemos olhar para os empreendimentos humanos voltados para a fraternidade universal deve incluir tanto o espírito crítico como um voto de confiança no processo de aprendizado destes empreendimentos, que não ocorre de repente. Há aspectos positivos e negativos no movimento criado por Alice Bailey. Na média, a sua ação tem um caráter humanitário que é útil à evolução humana e estimula a consciência planetária. Os erros que vamos assinalar a seguir, como os equívocos que vemos na Sociedade Teosófica de Adyar, são pontos que podem e devem ser corrigidos, e em alguns casos já estão sendo gradualmente revistos.

A obra escrita de A. Bailey toma como alicerce e ponto de partida as afirmativas imaginárias feitas anteriormente sobre os Mestres de Sabedoria por Charles Leadbeater e Annie Besant. A teosofia folclórica de Adyar construiu um credo de adoração a Mestres amplamente imaginários. Bailey tomou esta literatura e esta construção “teológica” como seu ponto de largada.

Fogos de artifício não substituem sabedoria. Bailey constrói uma ampla rede de detalhes pessoais e de informações imaginárias sobre os Mestres, sua aparência física, suas atividades, suas casas físicas e outros temas de profunda irrelevância. Isto tudo tem como resultado prático desviar o foco mental do estudante para longe do que interessa, que é a substância da filosofia esotérica dada pelos Mahatmas à humanidade.

Seguindo as pegadas de Charles Leadbeater e Annie Besant, Bailey constrói um complicado organograma convencional da “hierarquia”, ou comunidade dos Iniciados, com “cargos” específicos para cada Mestre. Generosamente, ela cria alguns postos “mais importantes” a certos Mestres, em relação aos postos igualmente imaginários que eles já haviam “recebido” de Leadbeater e Besant. O organograma da “hierarquia” parece tão burocrático e compartimentado como a estrutura de qualquer conglomerado financeiro e multinacional do mundo de hoje. Talvez mais. Esta tentativa de transformar os grandes instrutores da humanidade em “personalidades famosas”, diretores executivos e ídolos pop torna ainda mais atual um versículo do velho “Tao Te King” chinês, segundo o qual, no que tange a certas coisas do mundo sagrado, sobre as quais pesam votos de silêncio –

“Quem fala não sabe, quem sabe não fala.” (Capítulo 56)

Já se disse que foi o homem que criou Deus à sua própria semelhança, e não o contrário. Alice Bailey parece haver criado os Mestres segundo sua própria imaginação. Ela inclui em seu organograma, por exemplo, um certo “Mestre St. Germain” – que já havia sido inventado antes por Charles Leadbeater e descrito como “senhor do sétimo raio”. É conveniente lembrar que os detalhes folclóricos sobre os sete raios não pertencem à teosofia autêntica. Quanto ao grande místico e iniciado Saint-Germain, a informação sobre ele nas Cartas dos Mahatmas aponta na direção de ele haver-se retirado para os Himalaias, ao final da sua experiência europeia do século 18. Na ocasião, diz um Mahatma, ele fez sua “última saída, para o LAR” (Carta 20 da edição brasileira).

Estudante A:

Você está dizendo que H.P.B. jamais falou de “Mestre Saint-Germain”? Tudo o que se fala sobre este tal “Mestre” foi então inventado por Besant e Leadbeater e depois adotado por Bailey e outros?

Estudante B:

Precisamente. Nem H.P.B., nem Damodar Mavalankar, nem Henry Olcott, nem William Judge ou qualquer um dos pioneiros do movimento falou jamais de Saint-Germain como um Mestre ou disse qualquer coisa sobre ele que se referisse a um período posterior a seu “ultimo adeus”. O mesmo se aplica a Isabel Cooper-Oakley, que escreveu um livro famoso sobre ele. Tudo foi fabricado durante o conhecido período de fantasias clarividentes em Adyar (1900-1934).

Estudante A:

Certo. Continue, por favor.

Estudante B:

Quando um sábio apareceu na Europa usando o nome de “Saint-Germain”, tratava-se de um iniciado mas não um Mahatma. Ao inventar a versão segundo a qual aquele sábio era no século vinte um Mestre, Leadbeater esqueceu de fabricar para o “novo Mestre” um nome que correspondesse à sua nova encarnação. Tanto “Rakoczy” como “St. Germain” são nomes que correspondem à encarnação do século 18, quando ele não havia alcançado a libertação da roda do renascimento, isto é, o adeptado, e só por isso podia interferir diretamente em assuntos externos do mundo, como fez. Um Mestre nunca interfere com o mundo, mas apenas inspira – em planos sutis de consciência – discípulos autônomos cuja meta é servir a humanidade. Não sendo Mestre, o místico teria que renascer, isto é, ter outra encarnação.

Estudante A:

Impressionante. Mas eu gostaria de voltar a um ponto anterior. Você disse no início do diálogo que havia aspectos positivos no movimento de Alice Bailey. Mas se a obra dela é tão fantasiosa, que aspectos positivos pode haver no trabalho da Escola Arcana e do movimento “Boa Vontade Mundial”?

Estudante B:

Este é um excelente questionamento. Poucos percebem que a força das boas intenções pode ser maior que as limitações conceituais de qualquer pessoa. O resultado prático de qualquer proposta de ação altruísta e humanitária depende da relação viva entre dois fatores fundamentais, entre outros:

- 1) Nível de clareza conceitual e
- 2) Nível de altruísmo e generosidade na motivação.

Você pode conhecer pessoas que são católicas romanas, cujo esquema conceitual e referencial é portanto imensamente mais limitado que o dos seguidores de Bailey, e perceber que tais pessoas fazem um excelente trabalho humanitário e útil em muitos aspectos, e que possuem uma mente aberta. Um exemplo entre tantos é o pensador Leonardo Boff e as propostas de ação ligadas a ele.

Por outro lado, você pode ter um erudito na mais pura teosofia, alguém que memorizou belos textos e os repete de memória sem esforço, mas cujo orgulho intelectual ou ambição espiritual impedem toda ação solidária. No caso da Escola Arcana e do movimento Boa Vontade Mundial, você vê um esquema conceitual e referencial limitado. Mas também vê que a motivação e a vontade ativa compensam em parte este problema. Na média, o trabalho inspirado por A. Bailey é positivo para a evolução humana. É claro que devemos procurar o melhor possível nos dois fatores: clareza conceitual e pureza de altruísmo. Mas um coração puro pode ir além dos limites conceituais. Se for possível voltar agora à avaliação dos erros...

Estudante A:

Perdão.

Estudante B:

Outra limitação do pensamento de Alice Bailey é que, movida por sua imaginação bem intencionada, ela transformou um velho místico tibetano do século 19, o sr. D.K. – um discípulo avançado, cem por cento oriental – em um “Mestre de Sabedoria” pessoalmente encarregado de dirigir a grande aventura messiânica cristã e ocidental imaginada modestamente por ela própria no século vinte.

Esta aventura messiânica, aliás, foi uma repetição não muito original da tentativa da Sociedade de Adyar de produzir o Cristo e Messias através do jovem Jiddu Krishnamurti. O fracasso da “Operação Krishnamurti” é bem conhecido. Já o “Cristo” anunciado por Alice Bailey sequer chegou a ser oficialmente apresentado ao mundo. O projeto parece ter sido discretamente arquivado algum tempo atrás pelos seguidores de Bailey. Haveria lições úteis a tirar do fracasso da tentativa, se fosse feita uma avaliação franca e transparente. Uma delas é que devemos deixar de lado as especulações sobre contatos pessoais com os Mestres.

O contato ostensivo deles com a humanidade ocorreu entre 1875 e 1891, preparando a era de Aquário. Aquele contato direto, através principalmente de H. P. Blavatsky, constituiu uma exceção à regra geral, segundo a qual eles trabalham em silêncio. O produto do esforço foi mais do que suficiente. Cabe a nós, agora, estudar e vivenciar o ensinamento dado por eles à humanidade. O contato com os Mahatmas e Iniciados existe hoje como sempre houve, e é não-verbal e não-visual. Ocorre nos planos superiores de consciência, conforme esclarecido na última carta mandada pelos Mestres, a carta de 1900. Aquela mensagem parece corresponder ao fechamento oficial dos contatos, e foi recebida no ano e no mês do início da nova era de Aquário.

Até aqui, algo sobre as falhas. Vemos agora alguns dos aspectos positivos da obra de Alice Bailey e dos seus seguidores:

- 1) Trata-se de uma proposta prática e meditativa que gira em torno da boa vontade, da cooperação mundial, do fortalecimento da ONU e da co-responsabilidade planetária;
- 2) A proposta transmite elementos básicos de uma visão teosófica-popular da vida;
- 3) A folclorização da existência de Mestres que não tem só aspectos negativos, mas também positivos, porque dá uma base popular a partir da qual algumas pessoas podem interessar-se pela coisa autêntica;
- 4) Existem vários elementos de compatibilidade entre o pensamento de Bailey e a teosofia, e entre eles podemos mencionar;
 - a) o fato de ela não usar o termo "teosofia" é bom e implica respeito;
 - b) o fato de os seguidores de Bailey não terem constituído uma burocracia ritualista ao estilo de Vaticano (como a Sociedade de Adyar fez sob Besant e Leadbeater) é bastante positivo;
 - c) dois exemplos de compatibilidade entre pensadores da linha de Bailey e os pensadores teosóficos são o norte-americano Dane Rudyard, astrólogo, e o argentino-brasileiro Oscar Quiroga. Ambos foram influenciados por Bailey e HPB.
 - d) Alice Bailey e seus seguidores estão livres das influências e idéias racistas e semi-fascistas de Leadbeater (abordadas em "O Teosofista" de dezembro de 2007), mas valoriza a

O que é pureza, então? É importante que todo estudante examine esta questão pessoalmente e com alguma regularidade. Uma das respostas é que pensamentos puros são pensamentos incontaminados pela idéia limitada do prazer pessoal. Sentimentos puros são sentimentos incontaminados pela emoção estreita da satisfação pessoal. Ações puras são ações incontaminadas pela busca pequena de segurança pessoal. Naturalmente, pensamentos, sentimentos e ações interagem entre si o tempo todo, tanto consciente quanto inconscientemente. A purificação destes três níveis de consciência é um só processo que se consegue de um modo simples: basta focar a consciência e o coração definitivamente no que é eterno e infinito.

O processo é gradual e existem graus diferentes, progressivos, de pureza. Quanto mais tivermos uma compreensão universal das coisas, mais nos expandiremos interiormente e menos necessidade teremos de situações enganosas.

Assim, a verdadeira pureza surge naturalmente da percepção das coisas que realmente valem a pena, porque esta percepção liberta a alma humana das coisas que na realidade não valem a pena.

Isso leva o cidadão e a cidadã à prática da simplicidade voluntária, que constitui uma chave para que surja um desenvolvimento econômico e social ecologicamente sustentável.

O processo de purificação também é estimulado pela percepção atenta das conseqüências do que se faz: pensamentos puros, sentimentos elevados e honestos e ações corretas, por exemplo, criam uma felicidade incondicional e imperturbável, e isso é purificar-se.

Para quem tem boa vontade consigo mesmo, todo sofrimento e todo desafio são estímulos para aumentar e acelerar seu processo de aprendizado interior. “Purificação” é, na verdade, o processo pelo qual evitamos o desperdício de energia vital.

NOTA:

[1] “The Wisdom of Buddhism”, edited by Christmas Humphreys, Curson-Humanities, London, UK, 1987, 280 pp., ver p. 42.

Filosofia de Vida e Estabilidade

Robert Crosbie

Uma filosofia de vida adequada, verdadeira e correta é absolutamente necessária para que haja um progresso firme e constante. Esta filosofia deve ter como centro uma imutabilidade; se não for assim, qualquer construção de um “corpo interior” sobre um centro que é mutável necessita da destruição daquele edifício e do começo de outra construção em outro centro, com perda de tempo, de esforço, e do progresso já feito. Se o segundo centro resultar mutável, a destruição será necessária novamente. É por isso que não pode haver progresso com base em qualquer ponto de apoio exceto o Supremo Ser em nosso interior. Isso é a LEI, e não um sentimento.

